



Representação
da UNESCO
no Brasil

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

BR/2008/PI/H/8

TECNOLOGIA,
INFORMAÇÃO
e INCLUSÃO

TICs nas ESCOLAS

V. 2, n. 2, 2008

INFORMAÇÃO PARA TODOS

Telecentros acessíveis

A UNESCO apresenta *Tecnologia, Informação e Inclusão*, uma série de folhetos destinada a jornalistas atuantes na mídia comunitária, estudantes e ao público em geral. Seu objetivo é estimular a disseminação de informação e o debate sobre a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento social no Brasil.

A série é composta por vários volumes temáticos apresentados em folhetos que tratam, em linguagem jornalística, de aspectos específicos de cada tema. Os volumes e seus respectivos folhetos são descritos abaixo.

A jornalista *Thais de Mendonça* elaborou os folhetos das primeiras quatro séries. Os folhetos foram revisados pela equipe da *Coordenação de Comunicação e Informação* e pela *Assessoria de Comunicação da UNESCO no Brasil*.

Comentários e sugestões poderão ser enviados a http://www.unesco.org.br/faleconosco/form_fconosco

Foto: Thais de Mendonça



O sorveteiro aposentado Miguel Reduzino, 67 anos, está parado na porta do Telecentro Acessível de Taguatinga. Todos os dias, ele é o primeiro a chegar à sala, adaptada de uma antiga garagem, no centro da cidade-satélite de Brasília. Quando a porta se abre, Miguel se dirige a um dos computadores, coloca os fones de ouvido, aproxima o rosto da tela e então se dedica a responder a seus e-mails.

Há nove meses, desde que ouviu na Rádio Maria – estação católica local – o anúncio da inauguração do telecentro da rede

Acessibilidade Brasil em Taguatinga, Miguel passou a ser um frequentador. Ex-funcionário de uma multinacional do ramo de alimentos, sofrendo de baixa visão, o sorveteiro confessa que tudo o que sabe de informática aprendeu no telecentro. “Isto é uma maravilha”, sintetiza, ressaltando a oportunidade de trocar mensagens com amigos de Niterói e de Belo Horizonte, lugares em que trabalhou antes de vir para a capital federal, há 30 anos.

Ex-camelô, portador de deficiência física, Oberlan Monteiro da Silva usa a tecnologia da informação para sobreviver. Oberlan, 32, hoje vive como fotógrafo. Começou com uma pequena câmera automática. “Quando

VOLUME 1 Acesso às Novas Tecnologias

- 1.1: Brasil no rumo da inclusão
- 1.2: O papel das ONGs
- 1.3: O papel do governo
- 1.4: Telecentros no país

VOLUME 2 Informação para Todos

- 2.1: Acesso do portador de necessidade especial
- 2.2: Telecentros acessíveis
- 2.3: Acesso muda a vida das pessoas

VOLUME 3 Computador na Escola

- 3.1: A dura realidade das escolas
- 3.2: O futuro anunciado
- 3.3: Tecnologia e aprendizagem

VOLUME 4 Juventude e Internet

- 4.1: Sonho de jovem inclui emprego e um computador
- 4.2: Do maracatu atômico ao hip hop digital
- 4.3: Indígenas recriam a própria imagem em vídeo
- 4.4: O caso de três jovens brasileiros
- 4.5: Ameaça na rede

morria alguém me chamavam para tirar retrato do morto”, conta. No telecentro de Taguatinga, ele aprendeu a fazer fotografia digital e atualmente vende fotomontagens para os clientes. “Cheguei aqui, agora não quero mais ir embora”, diz Oberlan que, de uma renda de menos de R\$ 10/ dia saltou para R\$ 50, preço de uma colagem digital, com fundo e mensagem.

Sem burocracia

O telecentro, localizado numa área muito movimentada de Taguatinga, foi fundado em maio de 2006 pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) Acessibilidade Brasil e é o único totalmente acessível no país. “Aqui não se recusa ninguém”, é a orientação do presidente Guilherme Lira para atender a todos. O Telecentro Acessível de Taguatinga, que condensa uma série de parceiros – entre eles o Ministério do Trabalho e o Casa Brasil, programa ligado à Presidência da República, – já aplicou R\$ 600 mil na formação de instrutores, que dão atendimento personalizado aos portadores de deficiência.

Desde que foi fundada, em 2002, a Oscip Acessibilidade Brasil vem desenvolvendo um trabalho voltado para a disseminação da acessibilidade digital. Só o telecentro em Taguatinga atendeu 10 mil pessoas – 3 mil com deficiência – e cadastrou 800 (300 com deficiência) em apenas oito meses de funcionamento. Uma das preocupações da organização é desenvolver ou adaptar as tecnologias à clientela brasileira.

A artista plástica e professora de português Luiza Bueno é a coordenadora do telecentro de Taguatinga. Ela se preocupa com o grande número de analfabetos funcionais – “pessoas que dizem saber ler, mas não conseguem formar frases ou entender o conteúdo” – que recebe na sala. Todos os frequentadores passam por uma avaliação antes de ter acesso aos 27 computadores e à impressora Braille, entre muitos outros recursos para outros portadores de deficiência, mas dispensa-se qualquer burocracia. Pelas histórias que ouve, Luiza descobre, por exemplo, que muitas das crianças são fruto da pobreza e da falta de assistência à saúde.

“Muitas mães que não tiveram correto encaminhamento no parto geraram filhos com paralisia cerebral.” Em governos passados, médicos da rede de saúde tiveram que se submeter a uma política de corte de gastos e evitavam realizar operações cesarianas, mais caras que o parto normal. Com isso algumas tiveram pro-

blemas com o atraso dos nascimentos. Luiza revela: “A maior parte das pessoas chega sem nenhuma idéia do que são as tecnologias da informação e da comunicação e como podem se valer delas para melhorar de vida”. Ela acrescenta que o telecentro tem contato com escolas especiais e as assistentes sociais da cidade. As instituições enviam jovens e adultos para, utilizando programas especiais destinados a ajudar os portadores de deficiência, ter sua primeira experiência com as TICs.

PHJ, 17, vem com a mãe, Maria do Carmo Rosa de Jesus. Ele é um dos que “demorou a vir ao mundo”. Tem o coração e um rim transplantados e uma enorme alegria de viver, principalmente depois que descobriu as tecnologias digitais. “Eu quero trabalhar com isso”, decide o rapaz, que diz usar a internet para “ler, brincar e se divertir”. PHJ sonha também em ser bombeiro e, com o que ainda pode aprender na rede, quer fazer o próximo concurso para entrar na corporação.

Luiza Bueno está desenvolvendo uma cartilha eletrônica para auxiliar as pessoas com dificuldades na leitura. Esta é uma das missões do Acessibilidade Brasil: aperfeiçoar ou criar sistemas como o Silvinha, para analisar sites, e o Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (Libras), ferramentas de acessibilidade digital hoje disponíveis na internet. Mas uma das preocupações é a sustentabilidade do telecentro, pois todos os programas são caros e necessitam de manutenção constante.

Cidade-modelo

Criada na Universidade de São Paulo, a rede Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação (Saci) é uma rede eletrônica que atua como facilitadora da comunicação e da difusão de informações sobre deficiência. Em 2005, a rede Saci lançou o site Telecentros para Tod@s, que seria um espaço, com versões em português e espanhol, para divulgar dados e ferramentas para a inclusão digital das pessoas com deficiência.

Para a coordenadora de projetos da Saci, Ana Maria Barbosa, o uso do computador e da internet torna as pessoas com deficiência mais aptas ao mercado de trabalho e possibilita melhora geral na vida do usuário. “Além disso, é um espaço onde as pessoas com deficiência podem conviver com os demais, sem sofrer preconceitos devido à aparência e condição

Monitores terão documento especial

Um manual para o treinamento de monitores para telecentros acessíveis está sendo desenvolvido por uma equipe interdisciplinar da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O manual, que tem apoio da UNESCO e será distribuído aos telecentros de todo o Brasil, possui dois grandes eixos: 1) o princípio da educação inclusiva; e 2) um enfoque nas tecnologias assistivas.

Há quatro anos, o Núcleo de Educação Especial, que dá assistência aos alunos portadores de deficiência dos cursos de graduação e pós-graduação da Uneb, instituiu um grupo de trabalho para estudar a questão. Num primeiro encontro, foram mapeadas 18 ações de inclusão distribuídas no sistema multicampi da universidade.

A partir de um núcleo inicial formado por docentes que têm algum trabalho na área de inclusão, o grupo resolveu elaborar um manual para treinamento dos responsáveis pelos telecentros acessíveis. O documento está sendo produzido por uma equipe de docentes (psicólogos, pedagogos, comunicadores), além da participação de técnicos de informática.

Segundo a coordenadora Adriana Marmori, a filosofia que permeia todo o projeto é “primar pela inclusão dos deficientes nos processos de construção de conhecimentos e no acesso às mídias interativas, como forma de conquista da autonomia e da cidadania”. A principal característica do livro é ser didático, claro e objetivo.

O manual aborda, num primeiro momento, os direitos das pessoas portadoras de deficiência, quando os monitores refletirão sobre as práticas que aplicam e sua efetividade; e num segundo momento, quando eles conhecerão os softwares e sua utilização, tendo o emprego da internet como fundamental no processo de comunicação. O produto será finalizado ainda em 2007.

física”, acredita. O Telecentro para Tod@s oferece leituras de referência e informações para que monitores possam receber pessoas com deficiência nos telecentros comunitários.

Os dois telecentros do Instituto Integrar em Uberlândia (MG) fazem parte da rede Saci. A sala de informática do Integrar é diferente das outras por uma razão: o que se pretende não é apenas ensinar o uso das TICs, porém “integrar o indivíduo portador de deficiência física e sensorial ao mercado de trabalho”. Daí seu enfoque nas empresas, possíveis parceiras.

A ONG data de 2001 e já colocou mais de 200 pessoas em empregos, especialmente na área de *call center*, depois que se descobriu um déficit no mercado nessa área. O Integrar desenvolve programas de treinamento, dá consultoria a instituições acerca de acessibilidade, participa dos debates e eventos da área e realiza campanhas que estão dando resultado.

Tudo começou com Édson Luiz Lucas de Queiroz, 39, fundador da ONG e hoje presidente do Conselho da Pessoa com Deficiência de Uberlândia. “Eu estudava

administração de empresas quando me acidentei e fiquei tetraplégico”, afirma. Ao voltar à universidade – onde cursava o terceiro ano – para concluir os estudos, Édson encarou sérias dificuldades. Mais tarde, tendo feito pós-graduação como gestor, continuava sem emprego.

A trajetória de Édson acabou beneficiando a população local, estimada em 600 mil portadores de deficiência. A cidade mineira de Uberlândia é atualmente modelo em acessibilidade no Brasil. A frota do transporte público tem portas e elevadores especiais para os deficientes, num sistema que engloba cinco terminais e é dotado de soluções acessíveis, além de ser integrado e monitorado eletronicamente. Os hotéis uberlandenses de duas a cinco estrelas têm condições de receber bem os deficientes.

Campanhas e parcerias

A espinhosa experiência pessoal foi também o que levou Cícero Medeiros Franco a criar a Associação de Apoio aos Portadores de Necessidades Especiais da Comunidade do Distrito Federal (Adapte) em Ceilândia, cidade-satélite de 300 mil habitantes a 26 quilômetros de Brasília. Aos 16 anos, o lanterneiro Cícero levou um tiro nas costas durante uma festa e ficou paraplégico. Um dia, os padres vicentinos da paróquia que freqüentava o levaram a visitar um homem de 74 anos que necessitava de ajuda.

“Ele morava num barraco sem nenhuma higiene, estava deitado numa cama, sujo, sem cuidados, deprimido. Eu me vi nele”, relata Cícero. “Minha vida tinha dado uma volta de 360 graus e, se eu ficasse dando giros, ia morrer.” A partir do episódio, o hoje técnico em administração de empresas resolveu fazer algo pelos portadores de deficiência para que não chegassem àquele estado.

Cícero promovia reuniões em sua própria casa com os cadeirantes que conhecia ou eram indicados por outros. O grupo foi aumentando, e ele resolveu fundar a ONG. Inquieto, cheio de idéias, Cícero, que tem 42 anos, é aficionado por tecnologia. Ele está desenvolvendo, em conjunto com seis alunos de mecatrônica, num convênio com a Universidade de Brasília, uma bicicleta ergométrica de padrão digital para os portadores de deficiência física e uma cadeira de rodas motorizada a baixo custo.

Um protótipo da bicicleta já está em teste na Adapte, que funciona num grande galpão de 1.200

metros quadrados recuperado e adaptado, com telecentro, salas de leitura e de fisioterapia, oficina, depósito e local reservado para estúdio de rádio, além da cozinha. O marceneiro Adelson Melo Brito, de 40 anos, freqüentador assíduo da Adapte, experimentou o aparelho e destaca suas funções benéficas para a saúde. Adelson trabalha há dois anos no projeto de um triciclo, com motor de kombi e pneus D-20 (rodas grandes para dar estabilidade), e confia que as autoridades de trânsito vão autorizar que ele ganhe as ruas.

A Adapte pode ser apontada como um exemplo na atração de parcerias. O Casa Brasil acaba de incorporá-la à sua rede colocando na porta, depois de uma ampla reforma, o símbolo que leva o desenho da bandeira do Brasil. O galpão emprestado pelo Governo do Distrito Federal foi reformado e o telecentro, equipado com 20 computadores, ao mesmo tempo em que foram construídos a biblioteca e o estúdio para a futura rádio, um sonho de Cícero. A ONG já construiu 25 casas adaptadas, vendidas, por meio de programas do governo federal, aos deficientes físicos.

Quando a entidade, onde trabalham muitos membros da família do presidente, precisa de dinheiro, faz campanhas. Com a campanha de cartuchos – colaboradores percorrem a comunidade juntando cargas

usadas de impressoras para vender e reciclar – fizeram a pintura do prédio. O Superior Tribunal Militar doou dois carros. Com a venda de um deles construiu-se o muro. Os próximos cursos da Adapte serão de montagem de computadores para reciclar os equipamentos recebidos em doação que se amontoam no depósito. As parcerias já estão sendo requisitadas.

Por iniciativa de portadores de deficiência que partiram para a ação a partir de sua realidade, ou de pessoas que viram na atividade uma maneira de ser úteis à sociedade, as organizações do terceiro setor que lidam com acessibilidade estão aumentando em número. É um território vasto e com muitos aspectos complicados – como o espectro de deficiências, por exemplo –, mas aos poucos os brasileiros vão tomando consciência da questão.

Embora esteja muito longe o cenário em que a totalidade dos municípios estará equipada para atender todas as pessoas em igualdade de condições, o caminho da inclusão das pessoas portadoras de deficiência está traçado, seja pelo arcabouço legal existente, seja por alguma luz sobre o tema que está sendo lançada pelas entidades públicas e privadas. Agora, acelerar o processo de inclusão social e digital só depende das pessoas enxergarem e aceitarem a diversidade.

Questões para discussão (para leitores e jornalistas)

Telecentros e portadores de deficiências

Em sua comunidade os telecentros são acessíveis aos portadores de deficiência?

Existem equipamentos e cursos específicos para os portadores de deficiência?

Você tem alguma sugestão para facilitar o acesso às TICs pelos portadores de deficiência em sua comunidade?

Para saber mais

<<http://www.saci.org.br/>>

<<http://www.institutointegrar.org.br/indexnav.html>>

<<http://www.casabrasil.gov.br/>>

<<http://www.mpdf.gov.br/sicorde/pnes.htm>>

<<http://www.acessibilidade.org.br/>>

<<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/principal.asp>>

<<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/conade/index.asp>>

<<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm>>

<<http://www.fundacaodorina.org.br/br/inicio.asp>>

<<http://www.irmadulce.org.br/>>